

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DORIS WISHMAN – O INFERNO PODE ESPERAR
30 de abril e 5 de maio de 2022

Another Day, Another Man / 1966

um filme de Doris Wishman

Realização: Doris Wishman / **Argumento:** Doris Wishman (creditada como Dawn Whitman) / **Direção de Fotografia:** Nouri Haviv / **Som:** Titra Sound Corp. / **Montagem:** Doris Silverman / **Música:** Music Sound Track / **Interpretação:** Tony Gregory (Steve), Barbi Kenmp (Ann), Rod Regan (Bert), Mary O'Hara (Tess), Bob Oran (um cliente de Ann), Darlene Bennett (Dolly), John Brandt (John), Dwan Swanson (Daisy).

Produção: Juri Productions, Inc. / **Produtora:** Doris Wishman / **Cópia:** DCP, preto e branco, 71 minutos, versão original legendada eletronicamente em português / **Estreia Mundial:** 19 de outubro de 1966 (Estados Unidos) / **Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.**

Com a presença de Lisa Petrucci na sessão de dia 5 de maio

Mais outro filme de Wishman, mais outro *roughie*. Quem tenha visto neste Ciclo **Bad Girls Go to Hell** e **Indecent Desires** ou qualquer outro dos 11 filmes deste período do trabalho da realizadora reconhecerá a coerência e a continuidade temática e estilística. Mesmo se **Another Day, Another Man** seja porventura o menos dado a desestabilizar as fórmulas do cinema *sexploitation* onde todos se inserem, não deixa de ser uma obra onde é perfeitamente reconhecível a marca autoral de Doris Wishman e o seu peculiar universo de mulheres inocentes vítimas da perversidade masculina e em que a frustração do desejo delas de estarem integradas na norma social então ainda vigente para as mulheres (o ideal da boa esposa e dona de casa) será, paradoxalmente, um castigo e uma estranha forma de libertação.

Neste "sex melodrama" que coloca a protagonista Ann na pele de uma "belle de jour" que se prostitui para pagar as contas domésticas depois de uma misteriosa doença ter deixado o seu marido acamado (uma conveniência de argumento caída do céu já que não há no diagnóstico do inenarrável médico que o trata – um dos mais canhestros desempenhos de actor de toda a filmografia de Wishman – qualquer elemento informativo credível sobre a maleita que o atingiu!) há uma idealização do matrimónio assente nos mais gastos clichés do amor romântico e em papéis sexuais rígidos (e, em que, o casamento surge como a mais acabada forma do *american way of life*) que o infortúnio vem destruir para melhor expor a ausência de alternativas viáveis para uma mulher na sociedade daquele tempo. Que a devastação do idílio amoroso do casal (vítimas também dos mais anódinos diálogos que Wishman foi capaz de escrever) seja

dada não em versão paródica *à la* John Waters (por sinal, grande admirador dos filmes de Wishman), mas sob o signo da tragédia (com o suicídio do marido, entretanto miraculosamente recuperado, após descobrir a verdade de forma accidental a coincidir numa cruel ironia com o exacto momento da decisão de Ann de abandonar aquela vida dissoluta) é muito mais interessante (e por isso mesmo mais perturbante). E é a marca registada do cinema de Wishman, só aparentemente de primeiro grau, esse tratamento ambivalente do sexo (numa tensão entre as facetas mais libertária e mais puritana da sociedade americana que existiu entre o fim do código de censura mais estrito e o advento da pornografia) numa marca epocal que constitui abundante matéria-prima para os sociólogos e historiadores das mentalidades que estudem esse período.

Nessa ambivalência, veja-se como o contraponto inicial feito entre a “boazinha” Ann e a “mulher perdida” da sua amiga Tess é definitivamente abalado no momento em que a primeira cede a trabalhar para o seu chulo (a cena é coroada pelo riso histórico de Tess, fruto menos do sarcasmo do que do desespero). Na sua nova profissão, qual borboleta saída da sua crisálida, Ann continua a ser a mesma esposa abnegada (e recatada, já que nunca no filme se vê algum momento de cariz mais sexual entre o casal) mas passa a distribuir a sua beleza e o seu físico apelativo (que *sexploitation oblige*, o filme explora a partir daí como principal matéria visual) pelos clientes pagantes (entre eles, o misterioso homem mascarado que traz ao de cima o fascínio de Ann pelo interdite que dá à personagem toda uma nova dimensão).

Na divertida entrevista - incluída na primeira publicação a abordar a sua obra com alguma profundidade (*The Films of Doris Wishman*, 1995) - feita por Peggy Awesh numa *sex shop* em Miami enquanto a então retirada cineasta atendia a clientela, Wishman falava com muita franqueza dos seus dois casamentos já terminados e de si como não sendo “marriage material”, o que talvez ajude a perceber como, nestes retratos de mulheres divididas entre a segurança de um ideal romântico (na companhia dos insípidos maridos, noivos e namorados que povoam os seus filmes) e os “perigos” da libertação sexual, se encontra algo da razão de ser do seu próprio percurso pessoal e enquanto cineasta. Será hoje menos evidente, mas não é coisa pouca o feito de Wishman, primeira mulher a trabalhar no *sexploitation* e nos termos que ela própria definiu. Nessa terra de homens em que foi coroada rainha, sem vergonha e sem arrependimentos, Doris Wishman ficará como uma das vozes mais singulares. A sua crença generosa nos poderes do cinema e o espírito desenrascado com que a levou à prática (na qual a resposta aos constrangimentos da produção de baixo orçamento - nomeadamente as várias maneiras de evitar o sincronismo dos diálogos - deram origem a uma poética da imagem original e incrivelmente inventiva) serão hoje melhores razões para regressarmos à obra de Doris Wishman do que o perfume (entretanto evaporado) do carácter escandaloso destes filmes “só para adultos”.

Nuno Sena